

SAGRES DE OLAVO BILAC: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA

SAGRES BY OLAVO BILAC: BETWEEN MITH AND HISTORY

*Fernanda Verdasca Botton**

*Flavio Botton***

RESUMO: A partir de uma epígrafe do historiador Oliveira Martins, Olavo Bilac cria o poema épico *Sagres*. Cotejando o referido poema com a história de Portugal, o presente artigo tem como objetivo revelar e compreender como se constrói a face mítica daquele que Bilac acredita ser o primeiro grande herói da navegação portuguesa, o Infante D. Henrique.

PALAVRAS CHAVE: história de Portugal, literatura, mito, D. Henrique, Olavo Bilac.

ABSTRACT: From an epigraph by historian Oliveira Martins, Olavo Bilac creates the epic poem *Sagres*. Comparing the poem with the history of Portugal, this article aims to reveal and understand how is constructed the mythical face of him who is, according to Bilac, the first great hero of Portuguese navigation, o Infante D. Henrique.

KEYWORDS: history of Portugal, literature, mith, D. Henrique, Olavo Bilac.

* Universidade do Grande ABC (UniABC), Santo André, Estado de São Paulo, Brasil. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ferverdasca@gmail.com.

** Universidade do Grande ABC (UniABC), Santo André, Estado de São Paulo, Brasil. Doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: galaaz67@gmail.com.

SAGRES DE OLAVO BILAC: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA

1. D. Henrique (por Oliveira Martins e por Olavo Bilac)

No ano de 1898, Portugal comemorou o quarto centenário da descoberta do caminho para as Índias. Olavo Bilac estava entre os que homenagearam o feito lusitano. Todavia, se o fato reverenciado pela maior parte dos poetas era a chegada de Vasco da Gama a Calicute, para Bilac, D. Henrique era “o senhor do Destino” (BILAC, 2001: 246) cuja história deveria ser cantada, uma vez que tudo o mais ele possibilitara.

Nascido em 1394, D. Henrique era um dos filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre. Na história de Portugal, foi um dos responsáveis pelas explorações da costa africana, participando inclusive, em 1415, da Conquista de Ceuta. Após a perda do irmão D. Fernando, que ficara cativo nas prisões de Fez, D. Henrique se instala em Sagres, onde falece em 1460.

Por eventos ligados a esse último período de vida do infante, alguns historiadores, entre eles Oliveira Martins, citado em epígrafe por Bilac, são tentados a coadunar realidade e mito na trajetória do infante.

Em *História de Portugal*, livro de Martins utilizado por Bilac, temos um capítulo dedicado a D. Henrique. Nesse, o historiador nos conta que, no tempo do infante, havia a crença de que o Atlântico era um mar infinito, povoado por monstros e sombras. Por isso, D. Henrique queria ocupar a costa ocidental da África primeiramente por terra e, somente depois, navegar no “mar tenebroso” (MARTINS, 1882: 162). Mas, como poeticamente ressalta Martins, por ser Sagres uma “língua de rocha cravada na onda, e açoitada

por ventanias do noroeste” (1882: 162), os desejos do infante acabaram por chamá-lo à conquista do desconhecido mar.

O Promontório de Sagres era o barco imaginário de D. Henrique e era também o local em que, segundo o historiador, em tempos passados, os deuses celtas se reuniam: “Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até a costa, que, no templo circular do Promontório Sacro, se reuniam à noite os deuses, em misteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações” (MARTINS, 1882: 167).

Ao situar os deuses e D. Henrique no mesmo local, mesmo que em épocas diferentes, Martins nos revela que os traços do ser histórico, mesmo para um historiador, por mais ambíguo que possa parecer, não são suficientes para delinear a vida e a obra do infante: somente a construção de uma figura mítica, entendida aqui como uma figura sagrada, pode explicar quem foi e o que fez D. Henrique.

Por isso, é pertinente que Bilac escolha como personagem principal de seu poema a homenagear os descobrimentos portugueses o Infante e, inspirado pelas palavras do historiador, veja no promontório um lugar sagrado:

Tu, no agro templo de Sagres,/ Ninho das naves esbeltas,/ Reproduzes os milagres/
Da idade escura dos Celtas:/ Vê como a noite está cheia/ De vagas sombras...
Aqui,/ Deuses pisaram na areia,/ hoje pisada por ti/ E, como eles poderoso,
Tu, mortal, tu, pequenininho,/ Vences o Mar Tenebroso/ Ficas senhor do Destino (BILAC, 2001: 246).

Historicamente, segundo o próprio Martins, no primeiro milênio da Antiguidade Clássica, os celtas chegaram à região do entre o Douro e o Tejo, local onde fica o *Promontorium Sacrum*.

Miticamente, essa ascendência celta dos lusitanos, e do próprio D. Henrique, corrobora com a figura de homens que, tais quais os grandes navegadores portugueses, estudavam para enfrentar, com a ajuda dos deuses, o desconhecido “mar tenebroso”, na grafia de Martins, ou “Mar Tenebroso”, com a maiúscula alegorizante de Bilac.

Bulfinch, em *O livro de ouro da mitologia*, explica que os celtas eram um povo muito interessado no movimento dos astros e no tamanho do mundo e das terras. Além disso, prestavam muita atenção às leis da natureza investigando e ensinando aos jovens como ela funcionava e como eles a poderiam vencer (BULFINCH, 2006: 450). Por isso, Martins fala dos enganos e

tentações que o mar provocava nos celtas. Pelo mesmo motivo, Bilac dá voz à “Tentação” para que diga a D. Henrique que ele, mortal descendente dos celtas, é capaz de vencer os mares: “Tu, buscando o oceano infindo [...] Verá pela tua gente/ Galgado o Cabo do Horror! [...] Tu, dessa ponta da terra,/ Domina[rá]s a natureza” (BILAC, 2001: 245, 248, 249).

Como poeta parnasiano, Olavo Bilac tem como modelo as culturas grega e latina. Desse modo, ao maravilhoso pagão da mitologia celta sugerido por Oliveira Martins, o poeta acrescenta mitos da cultura greco-romana, entre eles, o da Sereia.

Seres da mitologia grega, as Sereias possuem vozes que atraem os marinheiros para o abismo da morte. Contudo, se na maior parte das epopeias elas representam o perigo, na *Odisseia*, assim como acontecerá em *Sagres*, suas palavras são capazes de tornar alguns de seus ouvintes homens sábios, presenteando-os com a ciência e o estímulo espiritual. “[...] conhecemos tudo quanto, por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram na vasta Tróia, bem como o que sucede na terra fecunda” (HOMERO, 1994: 121), diz a Sereia a Ulisses. E a D. Henrique, o que passa os dias “sobre mapas e astrolábios” (BILAC, 2001: 245), som semelhante ecoa: “E o olhar do Infante vê, na água que vai e vem,/ Desenrolar-se vivo o drama das conquistas./ Todo o oceano referve, incendiado de diamantes,/ Desmanchado em rubis” (BILAC, 2001: 246).

Paradoxalmente, quando ouve essas palavras, D. Henrique acorda do sonho e, no “deserto do mar”, o infante, como um fantasma, sente que “Berço do mundo novo – o promontório dorme” (BILAC, 2001: 249).

A arte poética daquele que “trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua” (BILAC, 2001: 336) pode ser percebida não só no pensamento conotativo acima citado, mas também em toda a construção de *Sagres*. Buscando a forma perfeita, Bilac faz uso da regularidade dos versos com maestria (utilizando os alexandrinos para o narrador, para a Sereia e para D. Henrique e os redondilhos maiores para o monólogo da Tentação). Além disso, trabalhando com vocábulos de diferentes classes gramaticais, as rimas ricas se sobressaem no poema.

Porém, se ao poeta cabe o artifício, ao historiador a racionalidade é mais fecunda e, seguindo a diferença entre as formas, Martins poetiza *Sagres* somente nos primeiros momentos de seu texto para, nas linhas que se seguem, salientar que o tempo do século XIV e XV é o do Renascimento e que, portanto, a ciência da cosmografia e da arte de navegar era o teor que guiava as conversas emitidas pelos navegantes no *Promontorium Sacrum*.

Nesse sentido, explica-nos o historiador que D. Henrique estava sempre ocupado com cartas marítimas e com regras da astrologia e da geografia, conhecimentos que possibilitaram aos portugueses saírem do promontório e realizarem experiências anuais de navegação, entre elas a que chegou à Ilha da Madeira, em 1419, e a de Gil Eanes, que, em 1434, após 12 anos de expedições, conseguiu ir além do Cabo Bojador para provar ao mundo conhecido que o desconhecido existia.

Em Bilac, a chegada à Ilha da Madeira, a Açores e o vencer “da ponta encantada/ Do Bojador” (BILAC, 2001: 247) também são retratados, mas a eles são acrescentados fatos históricos posteriores ao Infante: a navegação do Gama, a luta contra Adamastor e a chegada dos portugueses a Calicute.

Os acréscimos aos feitos de D. Henrique revelam a tese que o poeta parnasiano quer defender em seu texto comemorativo *Sagres*: foi o Infante quem possibilitou as conquistas futuras das navegações portuguesas.

Como vimos, à narrativa do historiador acrescenta ainda o poeta parnasiano os mitos gregos. Desse modo, em *Sagres*, além de pisar nas mesmas areias pisadas pelos deuses celtas, a grandeza do infante é comparada à de Argos e à de Édipo, porém, ao contrário desses, o herói português é capaz de ser o “senhor do Destino” (BILAC, 2001: 246).

Na mitologia grega, o Destino é um deus que, tendo sob os pés o globo terrestre, gere todos os atos dos mortais. Os argonautas, e dentre eles Argos (que foi quem construiu o barco que levou os navegantes), foram por ele auxiliados quando os deuses, em concílio, determinaram que Afrodite iria protegê-los, permitindo que Medeia ajudasse Jasão a derrotar os touros de Hefesto. Édipo a ele esteve sujeito quando, ao ouvir do oráculo de Delfos que mataria seu próprio pai e desposaria sua mãe, fugiu de Corinto para não ir contra aqueles a quem tinha amor filial, mas, como um títere conduzido pelas mãos do Destino, encontrou seus verdadeiros pais e concretizou o que lhe fora tecido anteriormente, ao assassinar Laio e desposar Jocasta.

Como seres a executar os desejos do Destino, temos as três *moirae*: Cloto, também designada como a Fiandeira, tecia os fios de duas qualidades, de seda e de ouro para os homens cuja existência há de ser feliz ou de lã e cânhamo para todos aqueles que são destinados a serem desgraçados; Laquesis, que dá volta ao fuso em que os fios vão se enrolando, e Átropos (ou Morta), que, valendo-se de tesouras abomináveis, corta o fio fatal da vida.

A história dos argonautas e a de Édipo nos permitem dizer que, enquanto aos primeiros foi destinado o fio de ouro (ou o velo de ouro, para sermos

mais exatos), ao segundo, a lâ é o material que explicita a *hybris* do arrogante que será punido.

D. Henrique, contudo, é a personificação de um herói que une o maravilhoso pagão ao maravilhoso cristão, pois tem ascendência mítica céltica e grega e também ergue, enquanto navega, “ao sol a Cruz” (BILAC, 2001: 244). Ou seja, como homem católico, é permitido ao Infante ser o senhor de seu Destino (e traçar, por meio do livre-arbítrio, os pontos dos fios de sua vida): o da ascese cristã de quem fez surgir ilhas “como as contas de um rosário/ Soltas na água sem fim” (BILAC, 2001: 246).

Ressalte-se que o caráter de expansão da fé existente no poema de Bilac também pode ter vindo do livro de Martins. Nesse, o historiador relata que D. Henrique era administrador apostólico da Ordem de Cristo e que, portanto, guiava seus feitos não só pela ciência, mas também pelo símbolo da cruz cristã.

Por fim, acrescentamos que, ao comparar D. Henrique com Argos, Bilac revela ter como paradigma não somente Oliveira Martins, mas, sim, as obras que trabalharam os feitos gloriosos dos navegantes como temas para a construção de epopeias.

Segundo a mitologia grega, os argonautas foram os primeiros navegantes europeus a empreender uma grande viagem (partiram de Pagasas em busca do Tosão de Ouro de Cólquida). Por enfrentarem a cólera dos deuses e de monstros como as Hárpias (terríficos seres voadores, metade mulher e metade pássaro, que possuíam enorme bico e garras aduncas) ou os dois touros de Hefesto (cujas patas eram de bronze e o bafo, línguas de fogo), eles foram cantados como modelos de coragem e bravura no poema épico *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes.

Portanto, podemos dizer que cabe à história de D. Henrique cantada por Bilac a definição de mito que Mircea Eliade atribui aos pensadores do século XIX: “uma história verdadeira e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado” (ELIADE, 2004: 7).

2. D. Henrique: no “olvido”, motivos para se criar o mito

Na literatura portuguesa e na história de Portugal, Vasco da Gama é o herói. Porém, ao Infante de Sagres são dedicadas poucas linhas ou, se quisermos usar as palavras de Bilac, o “olvido”.

Como prova disso, podemos citar que, entre os 8.816 versos de *Os Lusíadas*, epopeia criada para glorificar os feitos portugueses, nenhum se refere

particularmente a D. Henrique. No livro camoniano, publicado em 1578, os filhos de D. João I são designados como “Ínclita geração, altos infantes” (CAMÕES, 1993: 155). Todavia, se o irmão D. Duarte foi citado por ter se tornado rei e D. Fernando mereceu versos de louvor por ser santo e ter morrido cativo em Fez, a D. Henrique não é dedicado verso algum.

Três séculos depois, Bilac também canta D. João, D. Duarte e D. Fernando. Mas o poeta parnasiano vê naquele que tem a alma cativa por um Sonho, D. Henrique, uma grandeza maior: “Vira partir o irmão para as prisões de Fez,/ Sem um tremor na voz, sem um tremor na face/ É que o Sonho lhe traz dentro um pensamento/ A alma toda cativa. A alma de um sonhador” (BILAC, 2001: 243).

Já em *Mensagem*, há quem diga que, por inspiração de Bilac,¹ Pessoa dedicou ao infante dois poemas. No primeiro deles, como a “Cabeça do Grifo”, D. Henrique é o dono dos olhos de águia que consegue fitar o futuro e penetrar nos mistérios divinos. Solitário no desejo de um “mar novo” (PESSOA, 1992: 53), ele verá, no brilho das esferas, que o mistério do mundo desconhecido pode ser revelado ao que tem o “globo mundo em sua mão” (PESSOA, 1992: 53). No segundo, como homem que sonhou a obra de uma terra una, é o missionário divino, o que foi ungido por Deus para desvendar o mar desconhecido e mostrar “a terra inteira, de repente,/ Surgir, redonda, do azul profundo” (PESSOA, 1992: 61).

Em Bilac, a solidão também é uma característica do Infante. Além disso, tanto em *Sagres* quanto em *Mensagem*, a grandiosidade de D. Henrique vem do estudo científico aliado à religiosidade. Por fim, ao desvendar a “líquida esfinge” (BILAC, 2001: 245), D. Henrique também será o homem que, assim como em Pessoa, descobre o mar novo e propicia uma imagem futura da terra.

Todavia, se em Bilac há o lamento por um Infante que fora esquecido; em Pessoa, o eu-lírico dos poemas que se referem a D. Henrique o designa como seu “Senhor” (PESSOA, 1992: 61), igualando-o ao Deus católico a quem se roga que se faça cumprir Portugal como o Quinto Império do Mundo.

A explicação histórica possível para estas diferentes perspectivas é que enquanto Bilac escreve seu texto na época em que Portugal ainda vive a derrocada do *Ultimatum* inglês (1890), Pessoa produz o poema “O Infante

¹ Ariano Suassuna defende essa ideia no livro *Olavo Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em Mensagem?* (1998). No prefácio a *Poesias* (BILAC, 2001), Ivan Teixeira também trabalha com essa hipótese.

D. Henrique” em 1928, época em que a balança comercial portuguesa conseguiu o superávit que possibilitaria a implantação do Estado Novo gerido por Oliveira Salazar.² Ou seja, a visão de um Portugal derrotado é mais pertinente ao momento histórico de Bilac e a esperança de o país estar a se levantar, ao tempo de Pessoa.

No que concerne aos historiadores portugueses, com o intuito de compreendermos o mito D. Henrique, cotejaremos textos de José Hermano Saraiva e José Mattoso com a figura do Infante construída por Bilac.

No subcapítulo em que explica o período da história portuguesa dos anos 1385 a 1498, Saraiva aborda as causas que levaram Portugal à expansão marítima. Ao lado da situação geográfica do território e da existência de uma náutica adiantada, ou do espírito de cruzada do povo e dos clérigos e do espírito mercantil burguês, o historiador coloca o desejo pessoal de D. Henrique como um dos elementos primordiais. Entende o autor esse desejo como a força que fez com que a expansão deixasse de ser uma atividade de ação militar, e desbravadora, para ser uma forma de exploração científica, gerida pelo administrador apostólico da Ordem de Cristo, cargo ocupado por D. Henrique.

Observando essa dupla face do infante, a científica e a religiosa, Saraiva se utiliza de uma linguagem objetiva para informar que os navios enviados por D. Henrique eram expedições que traziam informações geográficas de terras desconhecidas (os quatro mil quilômetros da costa africana até as alturas de Serra Leoa) e tencionavam fazer uma aliança com o reino de Prestes João (ou Etiópia) contra os inimigos da fé cristã.

Em Bilac, os versos redondilhos maiores de “Tentação” contam-nos sobre as conquistas da época do infante (as caravelas espalhando-se pelo mar para verem surgir as ilhas e os Açores e para dobrarem o Bojador) e daquelas que vieram após a sua morte (as naus do Gama vencendo as águas revoltas, passando por Adamastor e alcançando Calicute). Já os versos alexandrinos emitidos por D. Henrique fazem com que todas essas terras desconhecidas passem a ser identificadas com um mito:

² Atentamos para o fato de que o próprio Salazar se servirá da figura do D. Henrique para promover seu governo. Na época do Estado Novo (de 1933 até 1974), António Ferro, exercendo então o cargo de ministro da Propaganda Social do governo Salazar, examinou os painéis de S. Vicente e, com o intuito de colocar o governante como um herói predestinado à Nação portuguesa, observou que ao lado do Infante de Sagres estavam pintadas as figuras de Nuno Álvares e de Salazar.

Terras da Fantasia! Ilhas Afortunadas,/ Virgens sob a meiguice e a limpidez do céu,/ Como ninfas, à flor das águas remansadas!/ Pondo o rumo das naus contra a noite horrorosa,/ Quem sondara esse abismo e rompera esse véu,/ Ó sonho de Platão, Atlântida formosa!” (BILAC, 2001: 243).

Em *Crítias*, obra que Platão escreveu por volta de 421 a.C., diálogos explicam essa Atlântida mítica a que se refere D. Henrique.

Conta-nos a personagem-título do diálogo que os deuses imortais dividiram a terra igualmente e coube a Posêidon a ilha de Atlântida. Ele a tornou uma terra com planícies férteis, onde germinavam plantas nutritivas em abundância. Além disso, fez nela fontes de água fria e quente e construiu com o mar e com a terra círculos concêntricos que tornavam o território infranqueável. Quando teve filhos com a mortal Clito, Posêidon dividiu a ilha entre eles e coube ao mais velho, chamado Atlas, como forma de homenagear a terra em que nasceu, governar Atlântida e o oceano que a rodeava, o Atlântico.

O governo de Atlas e de seus descendentes produziu “riquezas em tal abundância que jamais, sem dúvida, nenhuma casa real as possuiu semelhantes, e nenhuma possuirá tais” (PLATÃO, s.d.: 202). Os templos, palácios dos reis, portos e docas foram construídos com essa riqueza e, além de serem adornados com ouro, prata e oricalco, eram modelos arquitetônicos perfeitos.

Contudo, quando o elemento divino veio a diminuir nos deuses, por causa do cruzamento repetido com numerosos mortais, o caráter humano fez com que os habitantes de Atlântida caíssem em indecências, sendo a pior o inebriamento causado pelo excesso de ouro e de riquezas. Crítias conta então que Zeus, percebendo “[...] que disposições miseráveis assumia essa raça” (PLATÃO, s.d.: 215), reuniu os demais deuses com intuito de impor um castigo que faria com que os habitantes de Atlântida comessem a agir com mais moderação.

Em *Crítias* a punição de Zeus não é explicitada, mas no *Timeu* explicita-se que tremores de terra e cataclismos fizeram com que toda a ilha de Atlântida se abismasse no mar e desaparecesse.

Em Bilac, o sonho com a “Atlântida formosa” não é só de Platão, é também de D. Henrique. Sabendo ser “mais largo do que o mar sentindo o próprio sonho” (BILAC, 2001: 242), tendo o sonho que “lhe traz dentro de um pensamento a alma toda cativa” (BILAC, 2001: 243), o infante atravessa a bruma e, poeticamente, encontra na navegação que lhe é presente, e

na que lhe será futura, as riquezas destinadas ao que pisou na mesma areia dos deuses:

[...] E súbito, como um tabernáculo, o céu / Entre faixas de prata e púrpura irradia.../ Tênuê, a princípio, sobre as pérolas da espuma,/ Dança torvelhiado a chuva de ouro [...] Todo o oceano referve, incendiado em diamantes,/ Desmanchando em rubis [...] / Costas de âmbar [...] (BILAC, 2001: 249, grifos nossos).

Quanto ao caráter religioso dos descobrimentos realizados pelo Infante, explicitado também, como vimos, por Saraiva, temos em Bilac a rápida colocação que já foi citada na primeira parte de nosso trabalho: “[...] por traz da bruma, erguendo ao sol a Cruz,/ Vós sorrides ao sol, Terras Cristãs do Preste” (BILAC, 2001: 244).

Em *História de Portugal: a monarquia feudal*, ao tratar do reinado de D. João I, assim José Mattoso se refere a D. Henrique:

Grande Atlântico sendo percorrido e descoberto para oeste e para sul, a Madeira (1419-1421), os Açores (1427-1432) e a costa da África até o cabo Bojador, fronteira do mar impossível (1422-1433). Só que estes caminhos da expansão, aqueles que afinal hão de tornar-se epopeicos, eram perseguidos por aventureiros e favorecidos por acasos da sorte, se bem que aplaudidos e instigados por um homem inexplicado, o Infante D. Henrique, “navegador” de terra firme (1997: 418).

Ressaltamos no trecho histórico as formas utilizadas para falar do infante: ele é o “homem inexplicado” e o “navegador [entre aspas] de terra firme”.

O “inexplicado”, a adjetivar D. Henrique, pode ser entendido como um sinônimo do “olvido” utilizado por Bilac – “Tu, morto/ Em breve, tu, recolhido/ Em calma, ao último porto,/ Porto da paz e do olvido” (BILAC, 2001: 247) – pois tanto o historiador quanto o poeta parecem expressar com estes vocábulos o descaso com que a Nação portuguesa tratou D. Henrique.

Quanto à expressão “navegador de terra firme”, podemos dizer que ela resume “o fio de Ariadne”, para sermos mitológicos, do poema épico *Sagres*.

Em *Sagres*, D. Henrique é o que foi a Ceuta, o que lutou em Tânger, mas é, principalmente, aquele que, no promontório, sonha com o porvir da expansão ultramarina. Uma marca quantitativa disso é que das quarenta e três estrofes do poema, que variam entre sextilhas e quadras, trinta e nove

exprimem a atmosfera onírica de um infante cuja heroicidade está em navegar no pensar.

Observamos ainda que, se no princípio do poema, Bilac poetisa o mar indomável (“A água negra, em cachões, se principia, a uivar;/ Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia...” (BILAC, 2001, p. 242)), o sexto verso da primeira estrofe e último verso da última são cortinas a revelarem um ser que virá em um momento propício para o sonho: “Berço de um mundo novo, o promontório dorme” (BILAC, 2001, p. 242 e 249).

Para compreendermos a importância dessa estrutura onírica criada por Bilac, recorreremos à explicação de Mircea Eliade acerca do mito:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo do fabuloso “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de comportamento vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser* (2004: 11).

Ou seja, para explicar o sagrado da navegação portuguesa, Bilac não recorreu ao herói Vasco da Gama, mas, sim, àquele que representava o “princípio de tudo”, o “ente sobrenatural”, o “fantasma” (BILAC, 2001: 242), cujo sonho possibilitou o começar a *ser* Portugal.

3. O mito

Na acepção usual do termo, a palavra mito pode ser entendida como “fábula”, “invenção” ou “ficção”.

Em *Saberes e práticas da ciência no Portugal dos descobrimentos*, é como ficção que o historiador Marques de Almeida compreende D. Henrique. No referido artigo, Almeida afirma que as teses que defendem a existência de Sagres como um local de estudo que possibilitou a expansão ultramarina deveriam ser banidas, uma vez que são “absurdas e anacrônicas” (TEN-GARINHA, 2000: 79). Citando nomes como os dos cientistas pertencentes à Escola de Tradutores de Toledo ou como Copérnico, Kepler e Galileu, observa que os conhecimentos portugueses sempre foram empíricos e só

existiam, portanto, como experiências vividas no mar e nunca teorizadas por D. Henrique ou por qualquer outro lusitano.

Contudo, o mito também pode ser entendido como história sagrada que confere significação e valor à existência.

Em Portugal, como mostramos, esse entendimento de mito é atribuído a D. Henrique, direta ou indiretamente, por historiadores (Oliveira Martins, Hermano Saraiva e José Mattoso) e poetas (Pessoa e Olavo Bilac).

A estes dariam alvíssaras o mito de D. Henrique. Mas, aos que nele ainda não acreditam, indagaria:

Se tudo é morte além, - em que deserto horrendo,/ Em que ninho de treva os
astros vão dormir?/ Em que soidão o sol sepulta-se, morrendo?/ Se tudo é morte
além, por que, a sofrer, sem calma,/ Erguendo os braços no ar, havemos de sen-
tir/ Estas aspirações, como asas dentro da alma? (BILAC, 2001: 244).

Referências Bibliográficas

BILAC, Olavo. *Poesias*. 2. ed. Introdução, organização e fixação de texto: Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HAMILTON, Edith. *A mitologia*. 3. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1983.

HOMERO. *Odisséia*. 6. ed. Tradução do grego, prefácios e notas pelos padres E. Dias Palmeira; M. Alves Correia. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1994.

JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. 4. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

JUNQUEIRA, Ivan. *O encantador de serpentes*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. 3. ed. Lisboa: Viuva Bertrand, 1882.

MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal: a monarquia feudal*. Editorial Estampa, 1997.

SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. 17. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

SUASSUNA, Ariano. *Olavo Bilac e Fernando Pessoa, uma presença brasileira em Mensagem?* Portugal: Aríon publicações, 1998.

TENGARRINHA, José (Org.). *História de Portugal*. Bauru, SP: Edusc; São Paulo, SP: Unesp; Portugal: Instituto Camões, 2000.

Recebido em fevereiro 2012
Aceito em abril 2012